

# A biblioteca na mediação acessível e inclusiva: quebrando barreiras, abrindo portas para o mundo



## Izete Malaquias da Silva

Bibliotecária Gestora das Unidades Aclimação e Guarulhos do Senac São Paulo. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. Especialização em Gerenciamento e Sistemas de Biblioteca pela FAINC.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3480-378X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4471397734968259>

[izete@sp.senac.br](mailto:izete@sp.senac.br)

## Lilian Alessandra Vicente Lucas

Bibliotecária da Unidade Senac Santo André (SP). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela FAINC – Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. Especialização em Administração em Marketing – UNIA Centro Universitário de Santo André.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1812-9887>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0184002586505246>

[lilian.avlucas@sp.senac.br](mailto:lilian.avlucas@sp.senac.br)

## Fernanda Simões Vieira

Auxiliar de Documentação Técnica na Unidade Aclimação do Senac São Paulo. Graduação em História pela Unicastelo e com cursos nas áreas de Acessibilidade e Tecnologia Assistiva.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3093-3381>

[fernanda.svieira@sp.senac.br](mailto:fernanda.svieira@sp.senac.br)



## Resumo

O artigo tem como objetivo compartilhar algumas experiências a partir da busca de uma mediação participativa. Esse processo passa pela atenção à necessidade de amplificar a mediação com ações nos mais variados formatos e linguagens possíveis, pensando na acessibilidade para todos, em diversos aspectos, e em construção com seu público. Para se chegar a esses resultados, apresentamos algumas das reflexões que norteiam nossas atividades, como a importância de conhecermos o público que já faz parte de nossa comunidade escolar, suas práticas leitoras e a falta delas. E compreender também nosso papel em trazer para perto novos leitores, considerando suas especificidades e as barreiras que fizeram com que nunca ou pouco viessem a usufruir de várias leituras e experiências promovidas e partilhadas no espaço da biblioteca.

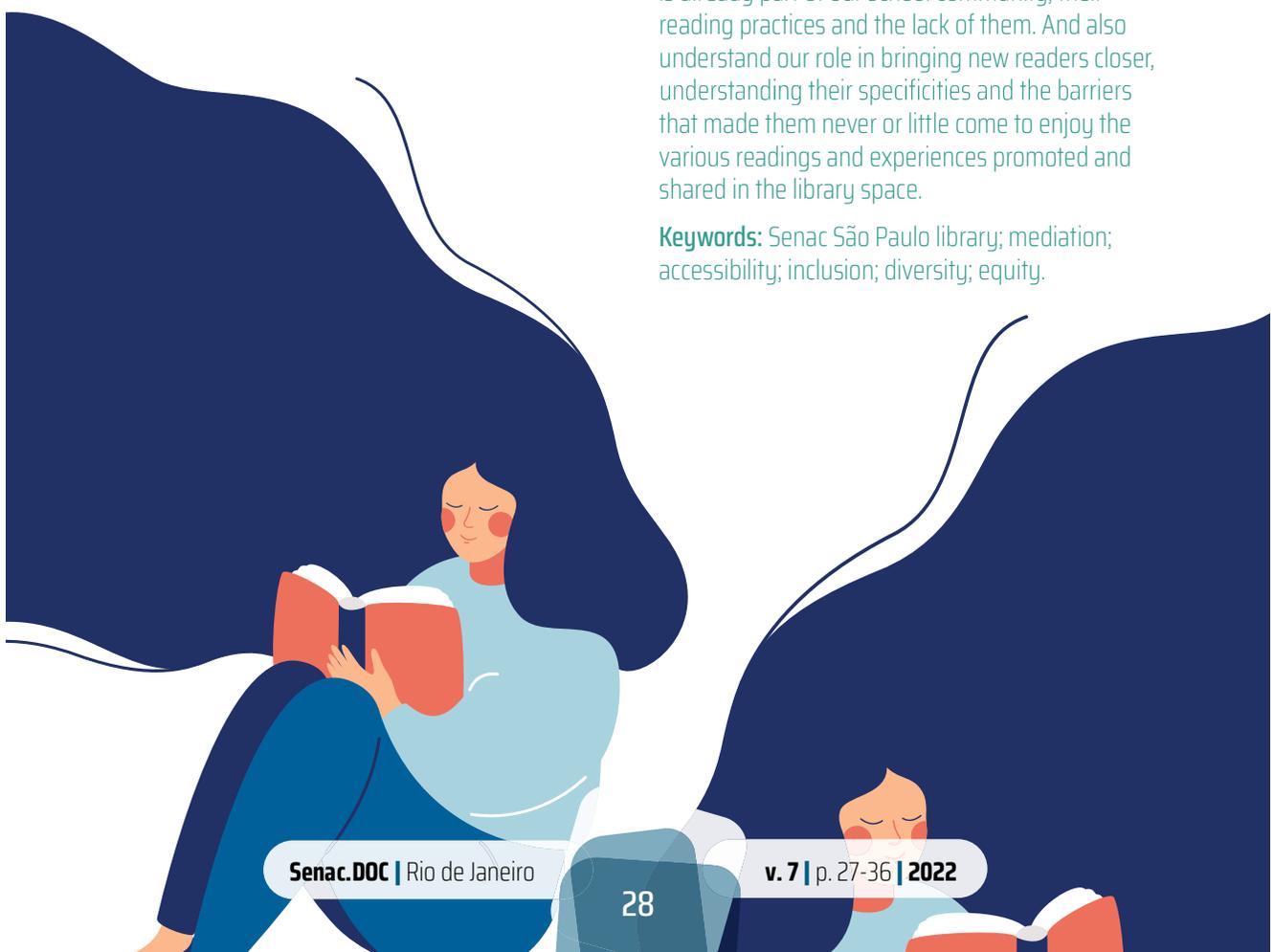
**Palavras-chave:** Biblioteca Senac São Paulo; mediação; acessibilidade; inclusão; diversidade; equidade.

## The library in accessible and inclusive mediation: breaking barriers, opening doors to the world

### Abstract

The article aims to share experiences from the search for participatory mediation. This process involves attention to the mediation's need for expansion with actions in the most varied formats and languages possible, thinking about accessibility for all, in various aspects and in formation with its audience. To reach these results, we present some of our guiding activities, such as the importance of knowing the audience that is already part of our school community, their reading practices and the lack of them. And also understand our role in bringing new readers closer, understanding their specificities and the barriers that made them never or little come to enjoy the various readings and experiences promoted and shared in the library space.

**Keywords:** Senac São Paulo library; mediation; accessibility; inclusion; diversity; equity.



# 1 Introdução

Entende-se que a mediação de leitura é muito importante para a formação literária do indivíduo, principalmente nos primeiros anos de vida. Ao tentarmos resgatar as primeiras lembranças, surgirão à mente momentos e pessoas que muito contribuíram para essa formação. Para alguns, esses mediadores estavam entre a família; para outros, na escola, entre educadores e colegas. Para cada um de nós, foram oportunidades que colaboraram para nosso desenvolvimento criativo e na ampliação de nosso imaginário.

E a biblioteca, em algum momento, se soma a essa jornada. Seu público pode ser desde aquele que ainda pouco contato teve com o universo da leitura, até aquele que já se coloca como um incentivador de muitas leituras. Entre uma ponta e outra, tantos públicos esperam ou nem sequer imaginam viver as incontáveis e diversas possibilidades que se fazem presentes a partir do ato de ler.

Aos profissionais que aí estão, faz-se necessário que se perguntem: quem são e onde estão as pessoas que irão dialogar, criar sentidos, desenvolver ligações com os livros e outros suportes e com as atividades e áreas que promovemos e colocamos em movimento? Cabe a cada um, individualmente e/ou em equipe, identificar e receber esse público nesses espaços, desde o espontâneo, passando pelo frequentador que já flui com autonomia e profundidade por suas estantes, atividades e ambientes, além de buscar aquele que ainda não sabe que existe um lugar que espera por sua visita, sua interação e apropriação de conteúdos informacionais e culturais. Importa reconhecer suas especificidades, as barreiras que fizeram com que ele pouco ou nunca chegasse a se fazer presente e, dessa forma, usufruir de tantas leituras e recursos que podem contribuir para sua formação pessoal e cidadã.

Como a biblioteca pode ser mediadora para e com sua comunidade, pensando nesta que já faz parte de seu espaço, como também naquela que está em seu entorno? Ou ainda, torná-la hospitaleira para públicos mais distantes, de outros territórios?



## 2 A biblioteca como espaço para e com as diversidades

Quando se pensa em biblioteca há quem ainda a visualize como lugar unicamente de livros. Assim como seu alcance vai além da dedicação às obras que abriga e compartilha, seu público também não se resume a dois ou três perfis de leitor e alguns poucos interesses. Ele vem se ampliando cada vez mais e se aproximando desse espaço. Se há alguns anos era comum observar nas bibliotecas balcões gigantes que distanciavam atendente e leitor, hoje, felizmente, esses balcões vão sendo substituídos por recepções mais empáticas e acessíveis, e o atendimento cede lugar à mediação.

Mas, ainda que seu público aí esteja, isso não basta se não identificarmos de que forma podemos estar com ele contribuindo para sua construção de conhecimento como indivíduo e como grupo. E entender sua trajetória e as barreiras que fazem ou fizeram parte dela pode

nos indicar alguns caminhos. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) também apontam metas que vão nortear o planejamento e a prática nesse sentido, uma vez que

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável baseiam-se nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e nos objetivos de Educação para Todos (EPT) – o movimento global para assegurar educação básica de qualidade para todas as crianças, jovens e adultos – e são específicos sobre o tipo de educação que é necessária no mundo de hoje. O ODS 4 exige que os países ‘assegurem uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e promovam oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos’ (UNESCO, 2019, p. 12).

É nesse caminho de promoção de uma educação participativa e equitativa que precisamos seguir. O contrário de equidade é o que afasta pessoas e comunidades da igualdade de oportunidades, da justiça social. Essas barreiras em constante manutenção devem ser motivo de atenção em nossas escolhas, abordagens e acolhimentos, de forma a trazer para perto a parte desse público invisibilizada socialmente. Em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, a antropóloga Michèle Petit apresenta relatos de jovens leitores, imigrantes e moradores de bairros periféricos de grandes cidades francesas, e faz a pergunta fundamental que atravessará nossa forma de atuação, nossas ações:

[...] de que maneira a leitura pode se tornar um componente de afirmação pessoal e de desenvolvimento para um bairro, uma região ou um país? De várias maneiras, por diversos ângulos, em diferentes registros. É justamente essa pluralidade de registro que me parece importante. A verdadeira

democratização da leitura é poder ter acesso, se desejarmos, à totalidade de experiências da leitura, em seus diferentes registros (PETIT, 2008, p. 61).

Nos apropriando desse pensar, devemos então considerar questões que fizeram com que nosso público tivesse pouco contato com a experiência da leitura, com os bens culturais e a fruição da arte. O distanciamento imposto pode ter sido estabelecido por muitos fatores: pela desigualdade nas condições socioeconômicas que se traduzem em baixa renda, condições de moradia e estrutura familiar desfavoráveis, dificuldades de acesso na educação formal, além de questões que se ligam a preconceitos, racismo e estereótipos. Munidos dessa percepção, a mediação que se desenvolve procura abrir caminhos e criar conexões para que o reconhecimento e pertencimento sejam elaborados pelas leituras, pois “ler é assim: fazer parte para, em seguida, ir além do texto. [...] Você lê para seguir caminhos, tanto os conhecidos quanto os desconhecidos. E os desconhecidos, via de regra, são bem mais instigantes” (CESAR, 2018, p. 40).

Quando falamos em estereótipos, por exemplo, sabemos que muitos deles são reforçados em relação à pessoa com deficiência, que, em razão disso, é constantemente questionada sobre sua capacidade em participar de várias áreas da sociedade. E ainda que “a palavra capacitismo seja relativamente recente, o que ela descreve não é novidade. É capacitismo o ato de julgar a capacidade de alguém fazer algo de acordo com sua deficiência” (GOMIDE, 2017, p. 25).

Dessa forma, podemos encontrar um público que, em diferentes fases de sua vida, pouco ou nunca usufruiu de muitas atividades e espaços, e a biblioteca pode ter sido um deles. Marta Gil, socióloga especialista em inclusão de pessoas com deficiência, identifica bem essa questão quando coloca que

Pessoas com deficiência, qualquer que seja ela, deparam-se frequentemente com o “não”, palavra curta, forte e que se pretende definitiva. [...] Assim, o



limite ou a dificuldade que a pessoa tem – ou que o outro acha que ela tem, melhor dizendo – é reforçado e aumentado, pois recebe o peso do descrédito ou da negação de sua capacidade. Parece que não ocorre, para aquele que diz o “não”, que o ser humano tem uma capacidade infinita, que lhe permite criar, ousar, procurar outros caminhos, talvez ainda não pensados (FUJIHARA, 2012, p. 7).

As possibilidades de cada pessoa com deficiência participar e usufruir da sociedade passam por várias dimensões da acessibilidade, sendo a atitudinal uma das que muito impactam todas as demais. Uma vez que a acessibilidade é colocada em prática, a participação é promovida e daí decorrem experiências cada vez mais significativas. No livro *Mude seu falar que eu mudo meu ouvir*, sete jovens com síndrome de Down, da Associação Carpe Diem, compartilham suas reflexões e vivências sobre a deficiência intelectual e as condições de acessibilidade. Carolina De Vecchio Maia, funcionária do Senac Aclimação, relata no livro sua experiência com relação a esse processo:

[...] fiquei com vontade de fazer um livro aqui com todo mundo e fiquei muito feliz de participar com o pessoal de fazer este livro. Que é muito legal e importante falar isso para todo mundo porque... para o pessoal ler o que a gente é. A gente é cidadão e que a gente tem os nossos direitos de síndrome de Down. Porque eu fico até emocionada de falar em síndrome de Down. Eu tenho vontade que todo mundo fique sabendo o que a gente é de verdade (FUJIHARA, 2012, p. 44).

Registrado em livro, seu protagonismo pode ser visto ali e também em outros formatos, como na *live* da qual tomou parte em dezembro de 2021, articulada com ela pela equipe da biblioteca do Senac Aclimação, cujo tema foi “A voz da mulher com deficiência”. Nessa voz, muitas se reconheceram ou ainda vão se reconhecer e se propor a novas possibilidades. É essa a mediação

que queremos. E para que cada vez mais o acesso e a participação do público com deficiência sejam garantidos,

há a necessidade de criação de mecanismos dentro da sociedade civil que promovam condições para que a pessoa com deficiência seja vista para além do seu diagnóstico. Portanto, a inclusão não deve ser apresentada meramente como uma teoria legal, mas sim como uma ação cotidiana quanto a incluí-las genuinamente, [...] a autonomia da pessoa com deficiência intelectual se constituirá nas experiências vivenciadas por ela sendo singular e segundo um percurso próprio. Adicionalmente, cada pessoa e/ou grupo é construído com base em fatores multifacetados, diferentes uns dos outros e de acordo com a comunidade da qual faz parte (CASTRO, 2022, p. 16-17).



Fazer parte e compartilhar saberes e vivências expande o sentido de pertencimento e coletividade, além de multiplicar as maneiras como cada pessoa pode se expressar e estar em grupo. Essa prática se faz presente a cada sexta-feira, na biblioteca do Senac Aclimação, quando alunas e alunos do ensino médio se reúnem para o encontro do Clube de Libras. O clube foi idealizado por uma das alunas do ensino médio que é surda, com

algumas colegas. Nesses encontros, organizados e mediados por elas com autonomia, a aluna coloca em prática seu protagonismo ao compartilhar sua experiência como pessoa surda, apresentando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e ensinando sinais e aspectos específicos da gramática. Quando a comunidade se sente acolhida e se apropria de forma plena do espaço da biblioteca, elaborando e colocando em prática suas ideias e seus projetos, viabiliza novas formas de construção do conhecimento. Assim, outros públicos, que acabam vendo esse encontro por estarem na biblioteca, também têm nesse momento a possibilidade de entrar em contato com um repertório ao qual muitas vezes não teriam acesso. E quem sabe, despertarem para a busca de mais conteúdo



e participação na construção por uma sociedade que seja realmente usufruída e vivenciada por todos.

Dentro da biblioteca, são muitas as formas, recursos e ações de acessibilidade possíveis, obras em vários suportes, produção de materiais acessíveis, intérprete de Libras, audiodescrição, legendas, entre tantas outras. Precisamos ter sempre manifesto que 'os recursos de acessibilidade têm o objetivo de contribuir com a equiparação de oportunidades para as pessoas com deficiência, partindo do princípio da igualdade de direitos' (MAUCH, 2016, p. 59).

No Senac Santo André são realizadas duas oficinas: a de Leitura Inclusiva e a de Acessibilidade e Inclusão. A princípio, as oficinas são desenvolvidas para docentes e funcionários a fim de que se interessem quanto aos serviços realizados pela biblioteca. A mediação que ocorre nesses dois momentos promove, além da sensibilização com relação ao tema e às pessoas envolvidas nele, a necessidade de que o conhecimento ali elaborado se multiplique, o que faz com que esses docentes tragam seus alunos à biblioteca para que também participem e reflitam sobre diversidade e singularidades.

Na Oficina de Leitura Inclusiva, além dos participantes conhecerem alguns dos materiais acessíveis e recursos de tecnologia assistiva (livros em braille, audiolivros, leitor de tela NVDA e DOSVOX), também têm a chance de aprender o que é a leitura inclusiva e como contar histórias. O intuito não é formar profissionais em audiodescrição ou contadores de histórias, mas despertar o interesse de realizarem ações inclusivas e que estejam atentos para que todos possam participar com equidade.

Com a Oficina de Acessibilidade, percebe-se o quanto o conhecimento sobre os jogos e

materiais didáticos acessíveis parecem apresentar aos participantes objetos de um mundo muito diferente por terem pouco ou nenhum contato. A reação é de deslumbramento, mas quando sentem na pele, ao serem vendados para ouvir um conto com audiodescrição ou participarem de um jogo por meio do tato, ficam agitados, sentem-se desconfortáveis por não terem familiaridade com a condição e os recursos disponíveis. O propósito é o de se colocar no lugar do outro e perceber aos poucos como a acessibilidade disponível faz com que todos possam participar.

E onde não há participação, cabe novamente nossa busca em identificar porque há tanta diversidade que não pode de alguma forma estar presente. As distâncias que a desigualdade agiganta fazem da cidade um espaço de desafios a serem vencidos para se ter acesso e participação. Essa realidade se faz presente na narrativa de Rosane Borges:

Referências de lugares permitem que o mapa da vida se descortine aos olhos dos transeuntes. Mais do que um cenário, revela-se como uma projeção das contradições sociais; [...] Habituada a viver na periferia, o centro da cidade de São Paulo passou a fazer parte do cotidiano de Sueli a partir de 1971, ano em que prestou concurso público e ingressou na Secretaria da Fazenda. É um momento de novas descobertas para ela, quando o centro ganha sentido especial. A percepção da imensidão da cidade é acompanhada da percepção da magnitude da questão racial e gênero, debatida sob vários prismas num ambiente político fecundo. O mundo deixa de ser estritamente a Vila Bonilha: 'Quando se vive na periferia, não se tem dinheiro para tomar ônibus. A primeira vez que fui ao cinema, eu nem sabia como é que a gente se comportava [...]. Vive-se muito segregado no bairro' (BORGES, 2009, p. 45-46).

E cabe, em nossa ação, somar atitudes que venham a transformar realidades que permanecem dessa forma, pois, como demonstra Sueli Carneiro em sua apresentação na Audiência Pública sobre a constitucionalidade das cotas para negros no ensino superior,

Os que vislumbram o futuro acreditam, ainda, que se as condições históricas nos conduziram a um país em que a cor da pele ou a racialidade das pessoas tornouse fator gerador de desigualdades, essas condições não estão inscritas no DNA nacional, pois são produto da ação ou inação de seres humanos e por isso mesmo podem ser transformadas, intencionalmente, pela ação dos seres humanos de hoje (CARNEIRO, 2020, p. 294).

Nessa luta pelo acesso à educação, a ação transformadora ganha potência e fôlego para seguir e todos nós, “[...] seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo” (FREIRE, 2016, p. 34).

### 3 Mediação: da informação à cultura, e muito mais

Se antes as faculdades formavam profissionais bibliotecários mais tecnicistas, com um olhar para um atendimento sem tanta interação, hoje esse profissional não tem mais espaço nas bibliotecas. Estas se tornaram centros de informação e cultura, e seus profissionais realizam a mediação de forma dialógica e próxima de seu público.

Buscamos todos os dias quebrar o paradigma da biblioteca como lugar sagrado intocável e espaço de obrigação, castigo e silêncio para uma nova forma de atuação em que ela se estabeleça como espaço de convivência, de relacionamento, de fruição artística, de experiências educacionais

com conhecimento construído entre erros e acertos no exercício da autonomia e de liberdade responsável. E é em meio a esse espaço múltiplo - de linguagens e ações - que vemos quanto há para ser mediado.

Quando indagado por professoras e professores se eles se tornariam mediadores de conteúdos, o filósofo e educador Mario Sergio Cortella tem como costume responder com a seguinte pergunta: “E quando não o fomos? Quando nós não fomos mediadores? [...] Em que momento da nossa trajetória nós não fizemos mediação? Nunca deixamos de fazê-lo. Fomos mediadores sempre, em todos os tempos” (CORTELLA, 2015, p. 20). Pensando nessa constatação, é importante avaliarmos com que qualidade realizamos, em nosso dia a dia, uma mediação que seja significativa e aberta ao público que chega e também ao que buscamos alcançar. Nesse olhar para nossas práticas, é o momento de termos como base que:

As ações de mediação são compreendidas como práticas socioculturais e processos afirmativos de sujeitos na construção de sentidos, remetendo-se à produção e à recepção de bens simbólicos e aos dispositivos culturais como espaços de apropriação (RASTELI; CAVALCANTE, 2014, p. 39).

Ao chegarmos nesse ponto de reflexão, podemos entender que a equipe da biblioteca, em sua mediação, precisa estar em diálogo e desenvolver uma escuta atenta ao seu público, que trará seu repertório, suas questões, suas curiosidades e assim, de maneira que nos impacta, promoverá movimentos outros que, de forma pessoal ou profissional, talvez não tenhamos ainda vislumbrado. A curiosidade do outro também aponta novos caminhos para nossa mediação, como bem apresenta o mestre Paulo Freire em sua sempre necessária *Pedagogia da autonomia*.



A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2016, p. 33).

Uma vez mobilizadas a curiosidade e inquietação de nosso público, os conteúdos e atividades à disposição dele trazem para algo que poderia parecer distante de sua realidade ou teórico demais, sem relação com o cotidiano e com a vida prática. Algo que parece não estar ligado a ele de forma nenhuma ou, ainda, não lhe interessar em um primeiro momento, mas a cada nova proposta de atividade, a cada leitura apresentada, “a postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar” (FREIRE, 2016, p. 137). E essa abertura do olhar cria relações inéditas ou renova aquelas que estavam adormecidas. A mediação que provoca reflexão também tem em seu leque de possibilidades, abrir caminhos para relações e atitudes mais empáticas.

No Senac Aclimação, algumas dessas possibilidades têm sido desenvolvidas na forma de espaços expositivos criados pela equipe da biblioteca. A mediação do tema proposto se dá, além da abordagem espontânea com o

público, com a parceria de docentes e alunos que desenvolvem atividades provocados pelos conteúdos ali expostos. Além disso, outros funcionários também vão ao espaço para participar de algumas ações, compartilhando seu papel de educador, independentemente de seu posto de trabalho na instituição, ampliando e enriquecendo, com sua leitura de mundo, a experiência proposta. Então, quando nos encontramos para discutir as pautas sobre os povos originários, a visibilidade trans, a pobreza menstrual, a degradação do meio ambiente, e tantas outras, são nessas oportunidades que muitas vezes alguém se sente tocado pela informação que chegou de maneira acessível. E, assim, desperta para o fato de que conhece alguém ou é alguém que passa ou passou pelas questões colocadas ali na roda.

Desse reconhecimento é que podem vir novas formas de se relacionar com suas próprias experiências e com as de outras pessoas e, partindo desse ponto, também com a sociedade. Nossa atuação pode e deve criar o clima e o momento propícios para que cada um elabore seu conhecimento e para que essa disponibilidade aconteça, pois “estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam” (FREIRE, 2016, p. 131) e, então, já não conseguir ficar indiferente a tantas questões.



## 4 Considerações finais

A biblioteca é para todas as pessoas, e é vivenciada por elas de maneiras tão diversas quanto seu público. Para muitos é um lugar de breve passagem e de espera. Para outros, um suporte em seus estudos e fruição de uma atividade cultural. E há aqueles que têm fortemente nesse espaço um lugar para construção de si para além do sentido formal e acadêmico.

Tanto quanto um meio de sustentar o percurso escolar, a leitura era, para esses meninos e meninas vindos de famílias muitas vezes iletradas, mas desejosos de traçar seu caminho, um auxílio para elaborar seu mundo interior e, portanto, de modo indissolivelmente ligado, sua relação com o mundo exterior. Se tal contribuição da leitura para descoberta ou para a construção de si não é nova, ela ganha destaque particular nestes tempos em que, bem mais do que no passado, cabe a cada um construir sua própria identidade (PETIT, 2008, p. 11).

Nossas práticas têm, então, um significado de construção muito forte, já que esse espaço é palco de muitos atores e muitas histórias colocadas em diálogo, e provoca reflexões, promovendo autonomia. Então, “onde quer que esteja o mediador, cabe a ele lembrar que na essência da mediação reside, sobretudo, o desejo de compartilhar” (DANTAS, 2019, p. 48).

Devemos, então, considerar esse diálogo que se estabelece aos poucos, e termos atenção plena à composição de um repertório de trabalho que se constrói por muitos pontos de vista. Que cada um, de onde veio, traga sua bagagem cheia de significados e que tenha aqui lugar para ressignificá-la, caso deseje ou precise, para que não sejam pontos de parada ou estagnação, ao contrário, sejam pontos de partida e caminhada.

Maria-Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela. Conhecia de cor, de olhos fechados muitos becos, porém alguns ainda eram-lhe estranhos. Mãe Joana nunca gostou que seus filhos fossem muito além da área em que moravam. Tinha medo, muito medo que eles se perdessem, quando estivessem distantes de casa. Maria-Nova, entretanto, furava o cerco. Amava a mãe, mas era impossível não ir ao mundo.[...] Vida. (EVARISTO, 2017, p. 135-136)

É essa a mediação que queremos: participativa e promotora de muitos encontros, de liberdade e autonomia – cada um consigo, com o outro, com o mundo. Vida.



# Referências

BORGES, Rosane da Silva. **Sueli Carneiro**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Retratos do Brasil Negro).

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020.

CASTRO, Leila Regina de. Um olhar para o envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual: autonomia e independência. **Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento**, São Paulo, v. 32, n. 82, p. 8-19, abr. 2022.

CESAR, Newton. **Do livro ao livro: a arte de escrever e publicar ficção**. Brasília, DF: Senac-DF, 2018.

CORTELLA, Mario Sergio Cortella. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança!** São Paulo: Cortez, 2015.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FUJIIHARA, Carolina Yuki (org.). **Mude seu falar que eu mudo meu ouvir: acessibilidade: um livro escrito por pessoas com deficiência intelectual**. São Paulo: Associação Carpe Diem, 2012.

GOMIDE, Camilo. Preconceito disfarçado. **Cadernos Sesc de Cidadania Acessibilidade: direito à cidade**, São Paulo, ano 8, n. 13, p. 24-27, 2017.

MAUCH, Carla Simone da Silveira (coord.). **Guia de mediação de leitura acessível e inclusiva: mais diferenças**. São Paulo: Mais Diferenças, 2016.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/18217>. Acesso em: 11 maio 2022.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

UNESCO. **Manual para garantir inclusão e equidade na educação**. Brasília, DF: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370508>. Acesso em: 8 maio 2022.

